

IMIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E ITALIANIDADE •

Beatriz Rodrigues Kanaan

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: A região da Serra Gaúcha – nordeste do Rio Grande do Sul – é conhecida como região de “cultura italiana”, devido sua colonização ter sido feita por imigrantes italianos no final do século XIX. A partir de 1970, no entanto, o desenvolvimento econômico industrial do lugar desencadeou um intenso fluxo de imigrantes provindos de outras cidades do Estado. A região, que até então vivia sob a hegemonia da população descendente de imigrantes italianos, passou a compartilhar seu território com pessoas provenientes de outros locais, configurando, desta forma, uma situação de contato interétnico. É neste contexto, a partir do encontro de diferentes grupos, que o meu objeto de estudo se constrói. As questões aqui que procuro focalizar são no sentido de compreender de que maneira essa população, que vem depois de instalados os primeiros imigrantes colonizadores, está interagindo com a cultura hegemônica da *italianidade*. Através de uma pesquisa etnográfica procurei focalizar os elementos presentes nas relações que constituem os jogos identitários desses sujeitos. As significações e construções simbólicas que estão presentes nas interações entre os descendentes de italianos naturais do município de Farroupilha – “os italianos” - e os imigrantes recém-chegados – os “de fora”. As maneiras como cada um dos grupos elabora uma representação do outro e de si próprio frente ao outro evidenciam as peculiaridades deste contato.

Palavras-chave: imigração, identidade étnica, interações étnicas.

• Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Considerações iniciais

A região conhecida como Serra Gaúcha, localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, foi o território então considerado devoluto e destinado a assentar os imigrantes italianos que aqui chegaram há cerca de 130 anos atrás. Num relativo isolamento em relação às cidades do entorno, a população que provinha de pequenas aldeias do norte da península itálica organizou-se em comunidades rurais e em sedes urbanas. O rápido desenvolvimento dessas colônias transformou-as em verdadeiros núcleos atrativos, catalisadores do mercado e da força de trabalho. O crescimento do comércio e posteriormente da indústria gerou uma demanda de mão-de-obra bem maior que a capacidade de absorção dentre os trabalhadores locais. Foi, então, necessário buscá-la em outras localidades.

A partir de então, as cidades que haviam crescido sob a hegemonia da população de descendentes de imigrantes italianos passaram a ter seus territórios compartilhados pela presença de outros grupos advindos de outros lugares do estado do Rio Grande do Sul, como por exemplo, Lagoa Vermelha, Alpestre, Planalto, São Borja, Santo Ângelo, São Gabriel, Livramento, Bagé, entre outros. Inicialmente, a cidade de Caxias do Sul foi o principal pólo de atração dessa emigração. Porém, logo outros municípios vizinhos também buscaram, através de iniciativas públicas e privadas, incentivarem a implementação de fábricas.

Este foi o caso da cidade de Farroupilha – recorte geográfico deste estudo – onde em 1971 alguns empresários juntamente com o poder público inauguraram o primeiro Distrito Industrial do Rio Grande do Sul, oferecendo muitos incentivos para a instalação de indústrias. Os empresários, por sua vez, tentavam atrair operários para a região através de anúncios veiculados em jornais do estado e até mesmo enviando recrutadores às cidades onde sabiam haver pouca oferta de empregos.

Com o sucesso do empreendimento, muitos migrantes acorreram ao chamado da oportunidade de trabalho. Entre 1970 e 1995, segundo dados fornecidos pela Câmara de Indústria e Comércio de Farroupilha, a população praticamente triplicou, passando de 20 mil para 55mil habitantes. Hoje, estimativas do IBGE contam com uma população de 70 mil habitantes, sendo 77,3% destes, moradores da zona urbana.

Não existem dados oficiais registrados que quantifiquem o número de migrantes que chegaram ao município em período recente. Entretanto, um levantamento realizado nas

escolas pela Secretaria Municipal de Educação revela uma taxa em que cerca de 60% da população usuária da rede de ensino do município, hoje, é proveniente de outras cidades.¹

Meu objeto de estudo se constrói no contexto desse novo movimento populacional em direção à cidade de Farroupilha industrializada. As observações e análises aqui descritas fazem parte de minha pesquisa de mestrado na qual procurei observar as situações que estão sendo criadas e recriadas pelos sujeitos no enfrentamento de uma experiência de ruptura – com o lugar de origem -, e de inserção na sociedade de acolhimento, onde já existe toda uma trajetória do movimento de reivindicação de uma identidade de descendência italiana como sinal de distintividade.

Constatado o fato da presença do expressivo número de pessoas advindas de outras localidades fui informada de que esta população de novos imigrantes ocupa bairros situados no entorno da cidade, próximos às indústrias que inicialmente originaram este fluxo. Para a realização deste estudo convivi durante o ano de 2007 com os novos imigrantes, moradores de um destes bairros, o bairro Primeiro de Maio. Este bairro surgiu em 1982 a partir de um loteamento planejado para abrigar os trabalhadores recém chegados e hoje abriga cerca de 13 mil moradores.

Para compreender o contato dos novos imigrantes com a “italianidade” na interação face a face, tomei como proposta metodológica a observação minuciosa de Goffman (2005) Privilegiei, nesse convívio, além de entrevistas, a observação participativa em muitos diferentes contextos e eventos para que eu também pudesse observar meus observados sob a observação uns dos outros.

Concomitantemente a este trabalho de campo no bairro, procurei resgatar, através de depoimentos e entrevistas, as diferentes noções de italianidade existentes entre os descendentes de imigrantes italianos.² A visão dos estabelecidos sobre os novos imigrantes foi outro foco desta abordagem, pretendendo, desta forma evidenciar as maneiras como cada um dos grupos elabora uma representação do outro e de si próprio frente ao outro. E, ainda, de que forma um conjunto de valores – identificados com a identidade italiana – consegue ser partilhado e reinterpretado por outros interlocutores.

¹ Diagnóstico da rede de ensino fundamental do município de Farroupilha, SMED, PMF, 2006.

² Moradores do centro da cidade que de alguma forma mantêm relações com os sujeitos provenientes de outras localidades. Empresários, funcionários públicos ligados à Secretaria de Habitação, à Secretaria da Saúde e à Secretaria de Educação assim como o pessoal responsável pela segurança pública, vereadores e prefeitos que exerceram ou ainda exercem seus cargos foram os meus depoentes.

A italianidade na presença do outro

Os imigrantes italianos que aqui chegaram, há um século atrás, foram inicialmente estigmatizados, pelos grupos nacionais, como agricultores estrangeiros pobres e atrasados. Ao longo do processo histórico do grupo, no entanto, diferentes significações foram reivindicadas para o sentimento de pertença a essa identidade. A ascensão social, política, e econômica de alguns descendentes, na década de 70, levaram o grupo a reivindicar o reconhecimento de uma superioridade transformando o que era um estigma – colono trabalhador braçal, imigrante estrangeiro – em distinção.

Os imigrantes que acorrem à região, posteriormente aos imigrantes italianos, sem que tenham atravessado nenhuma fronteira nacional, estadual ou lingüística, encontram-se em situação de estrangeiros dentro de seu próprio país. Delimita-se um território étnico onde a presença de brasileiros é tida e vista como presença de estrangeiros. Estes são freqüentemente chamados de “brasileiros”, “pelos - duros”, “pretos”, por aqueles que se consideram “italianos” e se atribuem virtudes as quais os tornam os únicos responsáveis pelo progresso deste pedaço da “Europa no Brasil”.³

A superioridade reivindicada pelo grupo dos descendentes de imigrantes italianos em Farroupilha, não se atém a evidentes vantagens materiais ou econômicas. A supremacia do grupo estabelecido frente aos novos imigrantes também não está assentada somente no fato da permanência anterior ou mesmo na idéia de fundação do lugar. Além desses fatores mencionados a superioridade dos primeiros imigrantes sobre os últimos, recém chegados, está sendo mantida através do acionamento de virtudes auto-atribuídas pelos indivíduos do primeiro grupo e que estão presumidas como ausentes nos grupos recém chegados.

Os indivíduos do grupo estabelecido, descendentes de imigrantes italianos, utilizam freqüentemente a idéia de que possuem características que consideram positivas e utilizam-se destas para diferenciarem-se frente aos recém chegados. As observações feitas por uma autoridade da cidade que transcrevo a seguir são bastante ilustrativas.

...E não é porque eu seja de origem italiana, mas os brasileiros são de outra cultura. É cultura diferente. Não têm educação, não têm disciplina. Eles não respeitam autoridade.(...) Os italianos, não! Pode ver aonde tem italiano a coisa é outra, tem ordem, progresso. Esse pessoal de fora vem com outra cultura, aí a nossa cidade fica desse jeito, aliás, vai ficando igual ao resto do Brasil. (Descendente de imigrantes italianos, natural de Farroupilha. jun/2007)

³ Esta expressão comum em folhetos de informação turística foi também encontrada em relatório da Prefeitura Municipal de Farroupilha de 2005.

Como observa Elias (2000) o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. “Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a manter a se modelar em seu setor exemplar mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros” (ELIAS,2000,23). Isso facilita ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmos e aos outros.

As características acionadas para afirmar um “nós” diante dos “outros”, neste caso aqui observadas, encontram-se relacionadas com a uma origem, dessa forma demarcam fronteiras étnicas que diferenciam os sujeitos recém chegados dos italianos. Para tratar das relações dos grupos que se distinguem através de um pertencimento a uma identidade étnica, apoiei-me na visão interacionista, como a elaborou Barth (1998). O autor observa que os grupos étnicos constituem uma forma de organização social ao classificarem seus membros em pertencentes e não pertencentes. Esta classificação ocorre em relação a elementos culturais que os próprios indivíduos acionam. Se o grupo étnico se constitui ao acionar características que o diferencie, então sua identidade se constrói na relação com o outro. Ela não se afirma isoladamente. (...) ela se afirma ‘negando’ a outra identidade, para utilizar uma expressão de Cardoso de Oliveira, ‘etnocentricamente’ por ela visualizada. ”(Cardoso de Oliveira, 1976,5-6)

Desta forma a identidade além de ser construída na interação com o outro, carrega juntamente um componente ideológico. Ou seja, penso que nas relações interétnicas que observei entre os “italianos” e “brasileiros” a interação acontece com a preponderância do grupo da italianidade, inerente à negação dos sujeitos vindos “de fora”. (CARDOSO DE OLIVEIRA,1976)

Isto aparece em várias entrevistas como nestas considerações de um empresário de Farroupilha quando comenta:

Com a indústria começamos a ter inúmeros problemas, por causa do tipo de pessoas que vieram para cá. Eu se pudesse só tinha funcionários de origem italiana. Eles são muito mais trabalhadores. Esse pessoal que vem de fora, os brasileiros, é de cultura diferente. Não estão nem aí pro trabalho. Quer ver? Ganham um pouquinho e já ficam satisfeitos. Aí querem descansar! É um costume da fronteira. Dormem de manhã, dormem de tarde, a sesta... ou então vão beber. Aí pronto! No dia seguinte já nem se lembram que têm trabalho. Diferente de nós, os italianos que fizemos e estamos fazendo a riqueza deste lugar desde nossos antepassados quando eles botaram a mata abaixo e trouxeram vigor e luz com nossa persistência e muito trabalho. (Empresário natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos.)

A fala do empresário está nitidamente axiada à produção literária que teve grande incentivo na década de 70, momento de convergência das festividades do centenário da imigração italiana com um cenário de franca ascensão econômica. A veiculação – na escola, nos atendimentos públicos, nos eventos festivos – de uma vasta literatura exaltando a imigração e reafirmando o valor do “colono” que ascendeu, social e economicamente, fundamenta, hoje, as noções mais comuns encontradas nos debates informais e nas compreensões manejadas corriqueiramente sobre a italianidade. Este discurso circula na sociedade regional como um conjunto de idéias que informa os sujeitos sobre seus atributos e papéis sociais fundamentando os jogos identitários entre as pessoas de “origem” e os “outros”. Assim, valores compreendidos como importantes pela comunidade como a religiosidade, o apego à família, o impulso ao trabalho, e no caso deste estudo em Farroupilha, a competitividade, são constantemente lembrados como atitudes “italianas” imprescindíveis ao sucesso dos empreendimentos da cidade.

O outro vivenciando a italianidade

Por outro lado ao olhar para a experiência da migração entre os novos imigrantes que chegaram recentemente a Farroupilha, foi possível constatar que a real ruptura com a vida anterior desses sujeitos se deu no momento da inserção no novo contexto. Da mesma forma como Sayad (2000,16) quando afirma que “o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para a sociedade que assim o designa”.

Para demarcar as diferenças dos recém chegados, primeiramente são observados, os sinais físicos como cor da pele, do cabelo e dos olhos. No entanto, a distinção da identidade italiana encontra-se, assentada, predominantemente, em valores e comportamentos que, neste caso, valorizam a vida restrita ao trabalho, a capacidade de empreender e de sempre querer mais bens materiais. Os novos imigrantes vivenciam esta situação criticando a ausência de um bom viver entre descendentes de imigrantes italianos, acusando-os de não saberem aproveitar os frutos de seu trabalho com momentos de descanso e prazer.

Muitas são as experiências iniciais que levam os recém chegados a estranharem as maneiras como as interações pessoais acontecem por aqui. Uma história relatada por uma imigrante me parece emblemática por fornecer elementos claros para que se tenha uma noção do que podem estar querendo dizer esses recém chegados quando se referem às dificuldades encontradas para relacionarem-se com os moradores mais antigos de Farroupilha, os

“italianos”. D. Verônica, hoje moradora do bairro Primeiro de Maio, há 30 anos atrás veio para cá com o marido e dois filhos pequenos. Alugaram uma casa no centro da cidade, ela lembra seu primeiro dia aqui:

Meu marido saiu para trabalhar, eu havia chegado no dia anterior. Me vi sozinha com as duas crianças e um aperto no peito. Fui até a janela. Vi que no jardim da casa da frente estava uma senhora a arrumar os canteiros. Rapidinho fiz um chimarrão. Atravessei a rua e me apresentei. Falei pra ela que estava chegando de mudança, e lhe ofereci um chimarrão.⁴ Assim, como um agrado para ir fazendo conhecidos. Sabe o que ela me disse? Aqui não se toma chimarrão. Aqui se trabalha. Voltei para dentro de casa. Foi um choque. (D. Verônica, natural de Santo Ângelo, mora em Farroupilha desde 1977)

D. Vera retraiu-se face à recepção obtida. Ela lembra que voltou para casa ainda mais triste, porque se sentiu ainda mais só. Ela me explica que também tinha, naquele momento, além de expectativas, muitos afazeres domésticos, pois acabara de se mudar. O chimarrão era uma tentativa de se aproximar dos novos vizinhos, de criar um laço de amizade, começar a se sentir mais ambientada na cidade, o que na visão dela teria proporcionado, quem sabe, até mais ânimo para o trabalhoso dia que a esperava. Depois de um longo silêncio, comenta: “Que gente fechada. Fechada, não: lacrada!”

Outro relato bastante ilustrativo é o de César, um recém migrado, morador do bairro, a quem eu já havia encontrado outras vezes, veio certo dia ao meu encontro e nos cumprimentamos com um caloroso aperto de mão. Isto lhe pareceu um tanto inusitado e ele foi logo comentando

Eu, eu sou da fronteira. Quando cheguei, lugar pequeno, ia logo cumprimentando todo mundo que passava na rua. Mas bah! Me olhavam como se eu fosse d'outro mundo. Uma coisa de louco. Gente de pouca conversa, esta. Quando eu conto essas coisas pro meu pessoal, lá em Quarai, eles nem acreditam, acham que to contando causo. [Ao final se despede estendendo a mão enquanto fala:] “Como é bom encontrar pessoas daquelas bandas pra um bom e forte aperto. (César, natural de Quarai, mora em Farroupilha desde 1988)”

⁴ Não poucas vezes se repetem expressões entre os descendentes de imigrantes italianos naturais de Farroupilha, discriminando o chimarrão. Associam-no a momentos de “conversa - mole”, do “ócio” em contraposição ao trabalho. Um grande empresário da cidade confessou em entrevista concedida a mim que prefere funcionários de origem italiana em suas empresas porque “os italianos são certamente mais trabalhadores.(...) Os ‘brasileiros’... estes estão mais pro chimarrão.” (Avelino, descendente de imigrante italiano, natural de Farroupilha) Já entre os “italianos” de Santa Maria, Zanini (2006) encontrou uma positividade e assimilação do hábito do chimarrão.

Assim, os recém chegados logo compreendem que os códigos, até então aprendidos para a interação social, em suas cidades de origem, não são os mesmos a serem utilizados aqui. A identidade reivindicada pelos descendentes de imigrantes italianos traz, elementos que coloca aos recém chegados uma pauta que deve ser negociada nas interações entre esses sujeitos. Em outras palavras, os estabelecidos é que dão as cartas do jogo. Este repertório, por estar relacionado à trajetória dos pioneiros que construíram a riqueza do lugar constitui-se de atitudes a serem copiadas por todos aqueles que desejam ascensão econômica. É a esse contexto que os novos imigrantes, atraídos pela oferta de trabalho são chamados a se inserir.

As diferenças a que os recém chegados são subitamente chamados negociar são diferenças consideradas e assimiladas muitas vezes pelos recém chegados, como inerentes à origem dos sujeitos descendentes de imigrantes italianos. As diferenças estão, portanto, pautadas pela italianidade. Até então, os novos imigrantes não haviam experienciado uma identidade étnica da mesma forma como é acionada aqui. Referem que em suas cidades também existiam muitos italianos, poloneses, alemães, mas isso não estava na agenda das relações sociais da maneira excludente como se encontra aqui em Farroupilha. Eles compreendem que ao serem considerados brasileiros, diferentemente dos italianos naturais daqui, estão sendo considerados estrangeiros e inferiores, ou seja, percebem esta categorização, como exclusão..

Os novos imigrantes, então, refutam a idéia da diferença étnica, dizendo: “brasileiros todos nós somos, ou por acaso eles nasceram fora do Brasil?” (César, natural de Quaraí, mora em Farroupilha desde 1988.) No entanto, ao mesmo tempo em que buscam essa inclusão, eles se afirmam diferentes dos moradores estabelecidos de Farroupilha, valorizando a vida mais prazerosa que levavam em suas cidades de origem em oposição a centralidade do trabalho que vivenciam agora.

Diz uma nova imigrante natural de Santa Maria, moradora de Farroupilha desde 1982:

...eu estranho o povo, eu estranho até hoje. Eu realmente estranho muito. Eu acho assim o povo é muito frio, muito falso, o italiano, sabe?(...) Uma ganância. Uma coisa assim de só trabalhar, trabalhar. Pode ver , aqui não tem nada aonde ir, não tem diversão, aqui em Farroupilha tu vai ir aonde? Tu vai 9 horas da noite no centro tudo fechado. Não tem, é um povo que assim eles só trabalham. Pra casa, roupa e carro, que é status. Pra aparecer pros outros. Não tem uma festa, uma diversão. Nada que faça uma vida mais colorida. (Marília, natural de Santa Maria, mora em Farroupilha desde 1982.)

Se por um lado, num primeiro contato deste estudo todos se referiam a serem iguais por serem “de fora”, logo, passavam a salientar as diferenças entre eles próprios. Buscando atrelar suas identidades às regiões de origem, dizendo-se da fronteira, ou da campanha, ou

ainda um missioneiro. Parece-me que diante da desvalorização que enfrentam enquanto identificados como brasileiros, procuram não acionar essa identidade a não ser que seja para englobar a todos, “nós, os de fora” e “eles, o italianos”.

Os males que vem dos outros

Comecei, então, a me perguntar: uma vez que todos os moradores do bairro Primeiro de Maio se dizem “de fora” a quem dirigem os estranhamentos? A quem se dirigem as queixas quanto à falta de sociabilidade, de tempo e de espaço para lazer dentro do bairro?

Percebi, então, que os estranhamentos que diziam ser para com os “italianos”, na verdade estavam ocorrendo entre os moradores do bairro, os próprios novos imigrantes. A decisão individual – no máximo familiar – da emigração fez com que hoje em Farroupilha habitem famílias provenientes das mais diversas cidades do estado. Como a inserção destes sujeitos se deu através da aquisição de um emprego e o acesso a moradia diretamente com representantes das empresas parece ter havido poucas oportunidades para que estabelecessem vínculos entre eles. A rede de relações horizontal evidencia-se de maneira muito frouxa no sentido das relações de reciprocidade, porém, muito forte no sentido de manter o controle social. Ou seja, os moradores do Primeiro de Maio passam a observarem-se entre si de maneira a conservar a ordem do lugar sempre direcionada à ordem do trabalho, mantendo assim, afastados todos aqueles comportamentos que possam opor-se ou afastá-los das oportunidades do trabalho. Como me explicou um jovem morador do bairro:

... as pessoas acabam mudando por causa desse olhar que é colocado sobre elas. Se elas vieram para cá e querem se manter, assim... Num emprego, a imagem delas tem que mudar. Elas ficam com medo. Aí para se sentirem melhor, para se ajudarem, para não se sentirem discriminados, excluídos, começam a ficar padronizados também. (Marcelo, natural de Farroupilha, filho de novos imigrantes oriundos de Lagoa Vermelha.)

Em minha pesquisa de campo fui resgatando as falas dos novos imigrantes e constatei que o grande descontentamento que referiam ao “sistema daqui”, relacionando-o ao um sistema de vida dos descendentes de imigrantes italianos, encontrava-se evidente em suas próprias práticas sociais. Observei uma contaminação deles próprios com esse “sistema” que eles atribuíam aos “italianos”. Os recém chegados dizem ser diferentes dos moradores de Farroupilha. Porém, agem de uma forma que não se distinguem da italianidade.

Ana Luisa uma agente de saúde do bairro, natural de Ijuí se queixa:

As [pessoas] que chegam de fora vão ficando igual às outras que já estavam antes. No começo comigo foi assim, tentei fazer churrasco, encontrar e juntar as pessoas, depois fui desistindo. Fiquei como todo mundo, no meu canto. (Ana Luiza, natural de Ijuí, mora em Farroupilha desde 2004.)

Os novos imigrantes aos poucos vão incorporando comportamentos como estratégias de invisibilidade que orientam conscientemente suas atitudes, gestos e palavras de maneira adequada aos códigos exigidos no contexto. O projeto individual de mudança, implícitos na imigração, parece se somar à necessidade de sentirem-se inseridos no projeto coletivo da industrialização deste lugar. Aquilo que chamam “sistema daqui” ou o “sistema italiano” não deixa de ser, hoje, o próprio estilo de vida deles agora. As queixas dirigidas aos “italianos” são na verdade queixas sobre o que se tornaram as suas próprias condutas.

A fala de um operário natural de Lagoa Vermelha aponta essa contaminação como parte integrante de seus projetos:

A gente começa a trabalhar, vai crescendo...Todos nós temos ambição. A gente, por exemplo, vê o vizinho fazendo melhorias, uma cerca nova, e quer aquilo pra si também. Quando a gente pega a cultura do italiano de trabalhar e de cada vez querer ter mais, a gente acaba se dando tão bem quanto os gringos. (Alécio, natural de Lagoa Vermelha, mora em Farroupilha desde 1980)

As queixas dos novos imigrantes sobre os limites do bom viver italiano expressam na verdade os limites do bom viver operário. Ao queixarem-se dos comportamentos atribuídos aos italianos invisibilizam a prática desses mesmos comportamentos por eles próprios. O não dizível sobre si aparece na crítica ao “outro”. Os recém chegados, sem serem italianos, restringem seu lazer, sua sociabilidade pública, inúmeras vezes, em detrimento da valorização das atitudes relacionadas ao trabalho.

Fronteiras permeáveis

Observando as interações entre os diferentes protagonistas fui levada a pensar que os novos imigrantes que para Farroupilha se deslocaram para atender a demanda dos empreendimentos dos estabelecidos, são vistos, como pude constatar entre os representantes do poder público e do empresariado local, como um problema social. Poucos se referem aos recém chegados como trabalhadores que disponibilizam a mão-de-obra necessária para o

sucesso econômico da região. Se conceber a etnicidade como categoria implica desnaturalizá-la, contextualizá-la e questioná-la no vínculo da agenda política em que se encontra atrelada no momento, parece-me oportuno lembrar que a riqueza produzida na região não acontece pela ação exclusiva de descendentes de italianos. O trabalho de milhares de operários e operárias que sustenta os grandes empreendimentos encontra-se silenciado pelo discurso étnico difundido entre os moradores do lugar. A evocação de um ethos do trabalho, como inerência à italianidade, diante da falta desta característica entre os “brasileiros” não estaria excluindo uma percepção aí presente que é a da relação empreendedores/patrões e operários? O contato, por eles apontados como étnicos, não seria também, uma relação entre incluídos e excluídos que organiza o mercado de trabalho?

A noção de italianidade se faz acionando um amplo repertório de valores ligados ao “caráter”, à “ética” e à “conduta” que remetem ao valor do trabalho. Aparentemente, constitui-se aí uma fronteira de valores morais intransponíveis aos “outros”. No entanto, os novos imigrantes, na tentativa de uma inserção, realização de seus projetos e reorganização de suas vidas sociais procuram invizibilizar comportamentos que os evidenciem como “de fora”. Assim, passam a conscientizar atitudes, gestos e comportamentos que devem ser desempenhados nas interações do novo contexto.

O esforço observado entre os novos imigrantes, para uma assimilação ao “sistema daqui”, pode ser relacionado ao compartilhamento na crença do mito atualizado do pioneiro. O mito do colono que aqui chegou como agricultor pobre e se transformou em empresário bem sucedido, muitas vezes o dono da fábrica onde trabalha, parece estar informando as relações dos novos imigrantes. Tomar, como dizem alguns moradores de Farroupilha, o “trabalho como estilo de vida” significa estar atuando no jogo competitivo que o qualifica como sujeito empenhado em fazer parte do esforço para se tornar um empreendedor, ou seja, um italiano.

A **sombra** do patrão a que se refere Leite Lopes - analisando a obra de Brandão - que mantêm a ordem fabril mesmo fora da fábrica, entre os muros da vila operária, no contexto de Farroupilha aparece como **sonho**. Em outras palavras, os novos imigrantes passam a partilhar da crença de que ao assimilar condutas, tidas como “italianas”, como esforço, persistência, trabalho, poderão chegar a trilhar a mesma trajetória de seu patrão.

A noção de italianidade, portanto, entre os novos imigrantes, passa a ser abrangente a todos aqueles que venham a participar das ações modelares que, segundo eles, possibilitaram trilhar a mesma trajetória dos descendentes de imigrantes. Por isso, os recém chegados que já internalizaram os comportamentos do lugar, passam a ser considerados italianos.

Assim a vitalidade da referência da identidade étnica italiana pode ser observada chegando a pessoas que não necessariamente são “de origem”. Os novos imigrantes de diferentes formas vão se apropriando desse repertório da italianidade. Desta forma, estes vivenciam aquilo que Sayad (2000) aponta como uma dupla referência, comportando dentro de si mesmos os fazeres das cidades de origem e os novos padrões que identificados com uma cultura do “outro”, deprecia o estilo de vida deles próprios, os recém chegados, trazendo sofrimentos e constituindo relações de hostilidade para com o outro.

Encontrei assim, diferentes configurações que evidenciam as estratégias que constroem um cenário de distintas possibilidades identitárias nas relações dos atores sociais. Em determinadas ocasiões, a distintividade, que num certo contexto singulariza, gerando e multiplicando fronteiras, em outros momentos desloca esses limites para englobar sujeitos sob a idéia de um pertencimento comum. Diante de um contexto aparentemente estruturado por “italianos” e “brasileiros” foi possível constatar poros de permeabilidade onde as fronteiras simbólicas entre os grupos se tornam bem mais fluídas e negociáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e Gaúchos**. Porto Alegre : IEL / A Nação, 1975.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BARTH, Fredrick. “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: Org. Poutignat & Striff-Fenart.

_____. “Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade” In: Vermeleun & Govers (org). **Antropologia da Etnicidade, Para além de “Ethnic Groups and Boundaries”** Lisboa : Fim de Século, 2003.

_____. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro : Contracapa, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1964.

_____. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

DE BONI, Luís A.; COSTA, R.. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : EST / EDUCS, 1984.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOVERS, C. & VERMEULEN, Hans. Introdução. In: Vermeleun & Govers (org). **Antropologia da Etnicidade, Para além de “Ethnic Groups and Boundaries”**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

LOPES, José Sérgio (Coord.). **Cultura e identidade operária**. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987?

MOCELLIN, Maria Clara. “Trajetória de Grupos Empresariais e Construção de Identidades em meio à Região Colonial do Rio Grande do Sul”. **Cadernos de Pesquisa. Universidade de Caxias do Sul**, v. 6, n. 5, 1998

SAYAD, Abdelmaleck. **A Imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998

WEBER, Regina. "O Avanço dos Italianos". **História em Revista**; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria:Ed.da UFSM, 2006